

EDITORIAL - Redes técnicas, relações de poder e as súplicas da periferia

Leandro Dias de Oliveira ¹

“A existência das redes é inseparável da questão do poder” (SANTOS, 2002 [1996], p. 170). Segundo Milton Santos (2002 [1996], p. 271), “a própria estrutura do espaço constitui uma condição fundamental ao exercício do poder”. Claude Raffestin ensinou que “controlar redes é controlar homens” (RAFFESTIN, 2011 [1980], p. 191), afinal redes são instrumentos por excelência do poder, fazendo e desfazendo prisões no espaço. Alcance às informações com qualidade e velocidade, condições de mobilidade espacial, acesso à eletricidade, água e esgotamento são exemplos de relações de poder estruturadas em rede. Lembremos das análises do geógrafo belga Eric Swyngedouw (2004) sobre a geografia das redes de água, quando afirma que os seus fluxos são também “fluxos de poder”, demarcando os territórios de uso destes serviços, diferenciando os espaços e as pessoas que poderão acessá-los.

Nesta edição, *Continentes: Revista do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRRJ* publica o dossiê “Estado, Redes Técnicas e Políticas Públicas”, organizado pelos professores André Santos da Rocha (UFRRJ), Artur Sergio Lopes (FAETERJ) e Floriano Godinho de Oliveira (UERJ), com textos diversificados sobre temas desde a privatização da Petrobrás até a questão ferroviária no Brasil. Junto ao dossiê, *Continentes* também apresenta ao leitor a seção de artigos com temáticas variadas submetidos em fluxo contínuo.

¹ Professor Associado do Departamento de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus-sede, e docente dos quadros permanentes do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades Digitais (PPGIHD). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, Nível 2, e Jovem Cientista do Nosso Estado, FAPERJ. Atualmente, é Pró-Reitor Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação da UFRRJ. Líder do Grupo de Pesquisa Reestruturação Econômico-Espacial Contemporânea, vinculado ao LAGEP – Laboratório de Geografia Econômica, Política de Planejamento da UFRRJ. E-mail: leandrodias@ufrj.br. Orcid <https://orcid.org/0000-0001-7257-0545>

É muitíssimo bem-vindo este dossiê para a Geografia ruralina! Com dois *campi* localizados na Baixada Fluminense – o *campus*-sede, em Seropédica, e o de Nova Iguaçu, onde se localiza o Instituto Multidisciplinar – que oferecem graduação em Geografia e juntos compõem o Programa de Pós-Graduação em Geografia, é fundamental um debate analítico, político e cuidadoso sobre as relações entre espaço, rede, relações de poder e periferia. Na UFRRJ, a periferia jamais é apenas estudo de caso: é a morada e a vida cotidiana da maioria; é afeto, conflito e desafio; é o estudo autorreferenciado e crítico; é o trabalho, a cosmovisão e a luta por melhorias.

Mesmo dotada de um *campus* universitário que congrega aproximadamente 15.000 alunos, além de professores e técnicos; uma unidade da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a Embrapa Agrobiologia, com mais de cem profissionais entre analistas e técnicos; plantas fabris de diferentes portes, como a Procter & Gamble, a BRF e a Brasilit Saint-Gobain; e mais de 80.000 habitantes (80.596, segundo o Censo de 2022, do IBGE), a cidade de Seropédica sofre fortemente com problemas de mobilidade urbano-metropolitana, dispondo de poucas opções de transporte coletivo, e tem cada vez mais padecido com constantes interrupções no fornecimento de energia elétrica e no acesso domiciliar à água encanada.

De um lado, há o fato de que a cidade é refém de poucas linhas de ônibus, porém é atravessada por uma ferrovia de carga concedida à MRS S.A.². Por outro lado, Seropédica é uma cidade entrecortada por linhões e torres de grande potência, gasoduto, oleoduto e abriga a Usina de Biogás da EVA Energia, do Grupo Urca, na Central de Tratamento de Resíduos Santa Rosa (CTR) e um complexo termelétrico da Petrobrás, formado pelas Usinas Termelétricas Seropédica e Baixada Fluminense, a primeira com oito unidades geradoras e 385,9 MW de capacidade instalada operando com gás natural e a segunda com capacidade energética de 530 MW, sendo composta por três turbogeradores: dois com 172 MW (a gás) e um com 186 MW (a vapor). No que se refere à água, a Estação de Tratamento de Água (ETA) do Guandu, em Nova Iguaçu, responsável por 80% do abastecimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, é simplesmente limítrofe à cidade de Seropédica, sendo

² Sugerimos a leitura do artigo “O projeto de implantação da linha ferroviária de passageiros Seropédica (UFRRJ) x Japeri: uma contribuição da geografia à mobilidade urbana” (OLIVEIRA, FARIAS, MARINO, 2023), publicado nesta edição como parte do dossiê “Estado, Redes Técnicas e Políticas Públicas”.

a captação da água feita justamente no trecho do Rio Guandu que divide as cidades de Seropédica e Nova Iguaçu. Trata-se simplesmente da maior estação de tratamento de água do mundo em produção contínua, segundo registro do *Guinness Book, O Livro dos Recordes*, conforme destacado no folheto institucional da empresa³.

Se a chegada de novas linhas de ônibus, com participação decisiva da reitoria da UFRRJ, integrando Seropédica à Japeri e à Pavuna – e, portanto, a outros modais de transporte, o trem e o metrô – trouxe alento para moradores, alunos, professores e demais trabalhadores, a situação no que se refere às contantes faltas de energia e interrupções de fornecimento de água é atualmente desesperadora na cidade. Ambos são serviços sob concessão: o fornecimento de energia é de responsabilidade da Light Serviços de Eletricidade S/A, empresa privatizada em 21 de maio de 1996, tendo como compradores a estatal francesa Electricité de France (EDF), as americanas Houston Industries Energy e AES Corporation, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e a BNDESPar, além de 30 % ter ficado sob controle da Eletrobrás, mas que desde 12 de maio de 2023 entrou com pedido de recuperação judicial; já a distribuição de água é feita pela Rio + Saneamento, empresa criada em 2021 pelo Grupo Águas do Brasil em parceria com o fundo Vinci Partners. Fundado em 1998, o Grupo Águas do Brasil é uma *holding* de concessionárias do setor privado de serviços de abastecimento de água, coleta e tratamento, enquanto a Vinci Partners é uma empresa brasileira de fundos de investimentos fundada em 2009 por antigos sócios da BTG Pactual com atuação em diferentes ramos, como energia, infraestrutura, imobiliário, telecomunicações, restauração e medicina diagnóstica. Neste cenário, energia elétrica e água encanada não são exatamente direitos da população, mas serviços, ou se preferirmos *mercadorias, negócios, capitais, fontes de riqueza e de poder*. O aborrecimento, desespero e frustração de quem fica horas sem eletricidade e dias sem receber água encanada em sua residência só não é maior que a inércia, desfaçatez e desinteresse daqueles que deveriam zelar pelo bem-estar da população e pela entrega de um serviço de qualidade. Seja por inépcia, seja por indiferença, a verdade é que os diuturnos piques e oscilações de energia e a suscetibilidade da rede de eletricidade a quaisquer fenômenos atmosféricos mesmo de baixa magnitude, como precipitações

³ Consultar: https://cedae.com.br/Portals/0/folheto_institucional_guandu.pdf.

rápidas e ventos moderados, têm queimado eletrodomésticos, causando perdas de alimentos que necessitam de refrigeração e gerado grande desconforto térmico em meio a temperaturas muito elevadas nas casas da população local; da mesma maneira, a interrupção do fornecimento de água⁴, muitas vezes sem sequer um aviso prévio, tem efeito avassalador, fazendo com que muitas famílias, especialmente com condições financeiras modestas, não consigam fazer coisas simples como tomar banho, preparar seus alimentos e consumir água potável.

É o retrato fidedigno da privatização de serviços essenciais e de estruturas territoriais cujo protagonismo do Estado deveria ser inquestionável para a garantia de direitos da população! As desventuras da vida cotidiana em Seropédica, especialmente para aqueles que suplicam apenas por condições humanas mínimas de sobrevivência, revelam o disparate que é privatizar *empresas-território* que afinal são aquelas cujo território e suas redes pertencem ao seu espólio e são indissociáveis de sua produção⁵. Nestas *empresas-território* o pregão de venda ou concessão carrega como parte do patrimônio, além dos direitos de operação e das sedes físicas e seus empregados, as estruturas como cabos, torres e linhões de eletricidade ou encanamentos, dutos de diferentes diâmetros, barragens e estações de tratamento de água. Lamentemos apenas que a indignação de vários afetados pela situação manifestada nas redes sociais ainda não frutifique em uma leitura crítica da privatização, que permanece defendida profissionalmente por aqueles

⁴ Não ousamos considerar o uso do termo “falta d’água” porque a rigor seria um erro, pois o acesso é restringido para manutenções na rede por estouro de tubulações. Na verdade, a água jorra em tais locais, mas seca na torneira dos moradores do entorno.

⁵ Seguindo a trilha de Milton Santos (1999), Marco Xavier (2017) propõe o interessante conceito de *empresa territorial* como objeto de pesquisa. Para o autor, as empresas territoriais são aquelas detentoras de menor capital, tecnologia e organização, utilizando os lugares menos modernos do território. O que apresentamos aqui é diferente: CEDAE, Light, Eletrobrás, Petrobrás, CSN, Vale e outras são verdadeiras empresas-território, nas quais o capital fixo – sedes, imóveis, maquinário, estruturas mecânicas – se confunde com o território, por meio de macroestruturas territoriais como redes elétricas e hidráulicas, dutos de diferentes portes e funções, barragens, turbinas, poços petrolíferos, plataformas marítimas, jazidas minerais, linhas férreas, pátios e braços portuários e até áreas de proteção ambiental. Nesta perspectiva, quando se privatiza uma empresa como a Light, a Vale ou a CSN, não se vende apenas ações, mercadorias ou direitos de operação, mas se *privatiza especialmente o território*. Quanto à dimensão espacial, uma investigação fulcral sobre essas empresas-território tem sido desenvolvida por Marcio Cataia (2019): estudando especialmente o modelo elétrico brasileiro, Cataia (2019) intitula de *macrossistemas técnicos* este conjunto formado por estruturas materialmente integradas numa perspectiva de longa duração e pouco sensíveis às raízes socioculturais dos lugares e das regiões, cujas redes físicas engendram relações de poder.

que não conhecem a dura realidade da periferia e que entendem que o Estado deve servir ao mercado em primeiro lugar.

Assim, desejamos uma excelente leitura desta edição de *Continentes: Revista do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRRJ*. Trata-se de uma edição além de tudo comemorativa: sua publicação coincide com a abertura do Doutorado em Geografia na UFRRJ⁶. Num espaço periférico onde o acesso decente à eletricidade e à água se revela uma utopia, formar doutores capazes de refletir criticamente sobre tão dura realidade é uma exigência para a construção de uma sociedade mais justa e de uma vida mais digna.

Referências bibliográficas

- CATAIA, Marcio. Macrossistema elétrico brasileiro: integração nacional e centralização do poder. In: Capel, Horácio; Zaar, Miriam (orgs.). **La electricidad y la transformación de la vida urbana y social**. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2019.
- OLIVEIRA, Leandro Dias de; FARIAS, Heitor Soares de; MARINO, Tiago Badre. O projeto de implantação da Linha Ferroviária de Passageiros Seropédica (UFRRJ) X Japeri: Uma contribuição da Geografia à mobilidade urbana. **Revista Continentes (UFRRJ)**, Ano 11, n. 22, 2023.
- OLIVEIRA, Leandro Dias de; Ribeiro, Guilherme. Por mais doutores (as) nas e das periferias brasileiras: uma vitória contra o bolsonarismo. **Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica**, ano XII, edição 26, jul.-dez. de 2023. DOI: <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.25511>.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Khedir Editoras, 2011 (1980).
- SANTOS, Milton. **Empresas territoriais e dinâmica da formação socioespacial brasileira**. Projeto de Pesquisa junto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo–FAPESP, 1999.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002 (1996).
- SWYNGEDOUW, Erik. **Socialpower and the urbanization of water: flows of power**. Oxford University Press, Oxford, 2004.
- XAVIER, Marcos. Empresa territorial: reflexões sobre a proposição de um conceito e objeto de pesquisa. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 7, n. 1, 2017. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2658/pdf_19.

⁶ Celebramos a abertura do Doutorado em Geografia na UFRRJ como uma verdadeira vitória da periferia no editorial “Por mais doutores (as) nas e das periferias brasileiras: uma vitória contra o bolsonarismo” (Oliveira, Ribeiro, 2023), de Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica, ano XII, edição 26, jul.-dez. de 2023, disponível em: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/25511>. Como dito em Espaço e Economia, “o Doutorado em Geografia da UFRRJ será o primeiro situado num espaço periférico do estado do Rio de Janeiro” e “o primeiro semestre de 2024 nos reservará a honra de orientarmos futuros Doutores em Geografia na Baixada Fluminense, subvertendo assim a ordem estabelecida e o discurso dominante a partir de um espaço historicamente marginalizado e periferizado”.